

Infância(s), educação e cultura: resistências e contracolônização

Daniela de Oliveira Guimarães¹ 

Deise Arenhart² 

Stela Guedes Caputo³ 

O presente dossiê nasce a partir da realização do VI Simpósio Luso-Brasileiro de Estudos da Criança e do I Simpósio Luso-Afro-Brasileiro de Estudos da Criança, ocorridos entre 26 e 30 de agosto de 2024, no Rio de Janeiro, sob o tema “*Esperanças nas redes: infância, contracolônização e interseccionalidade*”.

Apresentar este dossiê renova a alegria instaurada desde nossa participação na comissão organizadora do evento, especialmente pelo reconhecimento de nosso papel na ampliação do simpósio. Após seis edições, conquistamos que o encontro se tornasse também luso-afro-brasileiro, abrindo espaço para diálogos mais consistentes com pesquisadoras e pesquisadores de universidades do continente africano. Consideramos (e festejamos) mais um importante legado: a realização do VII Simpósio Luso-Brasileiro e do II Simpósio Luso-Afro-Brasileiro em Moçambique, previsto para 2026.

É, portanto, com entusiasmo que apresentamos este dossiê, inspirado nos referidos simpósios que reuniram mais de 600 participantes do Brasil, Portugal e Moçambique. O evento ressaltou a urgência de fortalecer diálogos e ações entre diferentes sujeitos e instituições, em uma perspectiva multirreferencial, intercontinental e contracolônial, na defesa das crianças e da infância como direito universal e como espaço de resistências.

Infância como tempo de direitos e como categoria social

Pensar a infância como centro deste dossiê implica reconhecê-la não apenas como uma etapa cronológica da vida, mas como uma categoria social e histórica,

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

³ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

situada em contextos de poder, desigualdade e produção cultural (Qvortrup, 2010; Sarmiento, 2005). A infância não é universal nem homogênea: ela se pluraliza em múltiplas formas de viver e experimentar o mundo, que variam conforme classe, raça, gênero, território e cultura.

Essa compreensão contrasta com a visão adultocentrada e universalista da modernidade ocidental, que reduziu as crianças à condição de “vir a ser” (Ariès, 1981), negando sua potência criadora no presente. Neste dossiê, a infância aparece como tempo de direitos, mas também como um espaço de resistência, inventividade e autoria cultural. As crianças não são apenas sujeitos de proteção, mas atores sociais que produzem cultura, linguagem, política e epistemologias próprias.

Contracolônização: epistemologias outras e cosmopercepções

O conceito de contracolônização (Bispo, 2023) convoca-nos a romper com a lógica colonial-capitalista que hierarquiza saberes e subjuga experiências não eurocêntricas. Mais do que descolonizar (que pressupõe ainda o centro colonial como referência), contracolônizar significa afirmar epistemologias outras: cosmopercepções indígenas, africanas, ciganas e populares que resistem às imposições coloniais e propõem modos singulares de viver, conhecer e educar.

No campo da infância, contracolônizar é enfrentar: o adultocentrismo, que invisibiliza a cultura infantil; a colonização dos territórios e dos corpos infantis, pela mercantilização, pelo disciplinamento e pela medicalização; a hegemonia eurocêntrica na educação, que desconsidera saberes ancestrais e modos de vida comunitários.

Ao propor uma reflexão contracolônial, os artigos aqui reunidos, apontam para a valorização de práticas educativas que emergem do brincar, da oralidade, da corporeidade, da musicalidade, das linguagens artísticas e dos territórios originários, rurais e periféricos. São pedagogias que reconhecem o protagonismo das crianças e o direito de viver a infância em sua plenitude.

Interseccionalidade: infância em contextos de desigualdade

A terceira chave conceitual do dossiê é a interseccionalidade, proposta por Crenshaw (1989) e desenvolvida por autoras feministas negras (como Patricia Hill Collins [2000] e bell hooks [2013]). Esse conceito nos ajuda a compreender

como diferentes eixos de opressão (gênero, raça, classe, território, deficiência, migração) não atuam de forma isolada, mas se entrecruzam e produzem infâncias desigualmente vulnerabilizadas.

Pensar a infância de modo interseccional significa reconhecer que: crianças negras e periféricas vivenciam cotidianamente o racismo estrutural e a violência policial; crianças indígenas e quilombolas sofrem com o apagamento cultural e territorial; crianças migrantes e refugiadas enfrentam barreiras linguísticas, xenofobia e precariedade social; meninas, em diferentes contextos, são mais expostas à exploração doméstica e ao controle de seus corpos.

A interseccionalidade, portanto, é ferramenta analítica e política fundamental para articular pesquisas e práticas que não reproduzam desigualdades, mas que ampliam o direito à infância como tempo de liberdade, dignidade e esperança.

Vivemos, na contemporaneidade, uma exigência singular para todos os profissionais ligados à defesa das crianças e de suas infâncias, um esforço grande para compreender as novas configurações que se colocam para suas experiências, como a emergência das tecnologias digitais, das redes sociais, da inteligência artificial. Ao mesmo tempo, somos convocados a encarar problemas antigos, que se agravam ainda mais com o crescimento das políticas neoliberais e do fascismo global, que não poupam nem mesmo as crianças do horror das desigualdades e das necropolíticas.

Ainda que o século 20 tenha afirmado as crianças como sujeitos de direitos, vimos que estamos a passos muito lentos e até retrógrados em relação à efetivação desta condição. No final da década de 1990, Sonia Kramer (1999) já alertava sobre a necessidade de educar contra a barbárie porque já vivíamos nela. Como temos enfrentado essa tarefa nos últimos tempos em que a barbárie tem sido legitimada pelo avanço dos discursos e políticas fascistas em esfera global?

Há muito por se fazer neste caminho de resistência e contracolônização. Este dossiê procura ser uma pequena contribuição nesta direção. Reunimos trabalhos que refletem, especialmente, o papel da educação diante da diversidade da infância e das desigualdades das condições em que as crianças vivem suas experiências cotidianas. Os trabalhos também procuram dar visibilidade aos anúncios das crianças, a partir de suas culturas e lógicas, de suas brincadeiras e invenções, dos seus diferentes lugares étnico-culturais e da condição geracional que as aproxima como crianças.

Reunimos os diversos artigos em quatro eixos que apresentam temáticas diferenciadas, mas que se articulam na defesa de concepções acerca das infâncias e de suas singularidades, desafiando modelos hegemônicos. Relacionam-se na discussão e proposição de pesquisas, práticas e políticas educacionais comprometidas com a intensidade e expressividade das experiências infantis, além de suas conexões com a dimensão política dos seus contextos de pertencimento.

O primeiro eixo traz a temática das **infâncias em conexão com as brincadeiras, na interface entre natureza e cultura**. Os artigos, a partir da interlocução com variados referenciais teórico-metodológicos, reúnem-se pela crítica ao modelo moderno colonizador da infância, reconhecendo no brincar das crianças resistência e novos modos de produção de inventividade e vida.

Inicialmente, o artigo *Emparedamento escolar e injustiça ambiental: onde brincam as crianças?*, de Léa Tiriba, chama a atenção para o brincar enlaçado a uma ética cuja pedagogia considera o cuidado como base e condição *sine qua non* do pleno viver humano. Problematiza a realidade atual, questionando o papel da escola e a possibilidade de garantir a qualidade do existir cotidiano no brincar, em situações em que as crianças vivem emparedadas e em condições vulneráveis.

Na sequência, o artigo *Brincografias de experiências do brincar livre no pátio e seu entorno no território da educação infantil*, de Crislaine Dias Polceno e Marilete Calegari Cardoso, traz uma pesquisa que indaga de que maneira o pátio escolar potencializa o brincar enquanto tempo de experiência para uma infância potente e criadora. No território creche, estar fora da sala aguça o espírito investigativo da criança e permite a ela fazer rizoma com tudo em sua volta, seja com um brinquedo, com um material não estruturado, com outra criança e até mesmo com o adulto.

O terceiro artigo desse eixo, *PICADA: abrindo novos caminhos entre experiências e infâncias*, de Adriana Santos Pinto e Maria Walburga dos Santos, busca constituir caminhos, ou “picadas”, para pensar o cotidiano da educação infantil como possibilidade de invenção, rupturas, ampliação de sensibilidades e modos de aprender, sentir e viver. Propõe esses caminhos em conexão com as múltiplas linguagens das artes e da infância, no brincar, nos encontros, nas narrativas, nos inusitados, nas experiências e descobertas menores do cotidiano.

O quarto artigo, *“No céu das pipas”: corpo e cotidiano na perspectiva infantil*, de Mayrhon José Abrantes Farias, apresenta perspectivas de crianças da periferia

de um centro urbano acerca de seus cotidianos, dentro e fora da escola. A partir da análise de desenhos e narrativas orais, o texto destaca a brincadeira da pipa como experiência lúdica e poética que expressa sentidos de liberdade do corpo, interação e cultura entre pares, resistência às tensões sofridas nas encruzilhadas da violência urbana e das rotinas escolares.

O quinto artigo deste eixo, *Estratégias decoloniais das crianças durante o brincar*, de Lucineide Ribas Leite Lima, problematiza a colonialidade em suas diversas facetas e contra as diferentes categorias geracionais, especialmente contra as infâncias. Entende o adultocentrismo, que hierarquiza e subordina a criança e sua cultura, como movimento de colonização da infância, reconhecendo no brincar e em outras iniciativas contestadoras das crianças suas estratégias decoloniais/transgressoras.

O sexto artigo, *Por outra(s) natureza(s): expedições filosóficas infantis para aumentar o mundo*, de Isabella Stephany Silva Vieira, Laís de Souza Rédua e Neilton dos Reis, apresenta experimentações extensionistas na relação com vidas, culturas e naturezas, discutindo como constituem unidade e interdependência, invisibilizadas a partir de processos colonialistas hegemônicos. Propõe as filosofias infantis como possibilidades do novo – novas epistemologias.

O sétimo e último artigo desse eixo, *A defesa de um currículo constelacional antifascista para a infância a partir da obra de Walter Benjamin*, de Márcio Jarek, discute o potencial libertador da dimensão lúdico-mimética presente nas atividades das crianças, no diálogo com o trabalho de Benjamin, instigando práticas curriculares e pedagógicas enquanto formas educativas antifascistas, espaços de jogo e inventividade.

O segundo eixo deste dossiê focaliza as **Infâncias, territórios, educação e outras epistemologias**. Os artigos trazem mergulhos em outras experiências culturais da infância, no contexto dos povos originários e da experiência cigana, visibilizando modos de vida das crianças, caminhos e desafios para a educação.

O primeiro artigo deste eixo, *Pedagogia das infâncias amazônidas, desde as gramáticas sociais de crianças*, de Eliana Campos Pojo Toutonge, Maria Helena Rodrigues Chaves e Maria Natalina Mendes, discute fundamentos de uma pedagogia da infância amazônida. O texto utiliza o contexto ribeirinho como vetor e, também, a formação do ser criança e do sentir-se pertencente a determinado grupo. Busca a superação das epistemologias vigentes, reprodutoras do modelo eurocêntrico, priorizando a diversidade das crianças e infâncias amazônicas e a resistência de suas experiências.

O segundo artigo, *Balaio de saberes: kÿringué e o nhandereko na Tekoá Marangatu, SC*, de Tainá Silva Candido Fabiano Alves, expõe as experiências das crianças Guarani da Tekoá Marangatu no fortalecimento do *nhandereko*, modo de viver construído por meio de alianças, costumes e rituais essenciais para garantir uma vida harmoniosa, em conexão com a natureza e o território. Com isso, evidencia como as crianças aprendem, constroem saberes e mantêm viva a cultura de seu povo, fortalecendo práticas educativas contracolônias.

Já o terceiro artigo, *Infância, maternidade e cultura cigana: perspectivas sobre exclusão e resistência*, de Stela Guedes Caputo, Luis Osete Ribeiro Carvalho e Alynne Christian da Veiga, discute a maternidade na cultura cigana, reconhecida como espaço de protagonismo feminino, na perpetuação de valores e práticas que estruturam a identidade coletiva. Neste contexto, as crianças vivem experiências comunitárias de aprendizado e trocas sociais vitais, o que evoca a discussão do acesso dessas crianças à creche e do reconhecimento de suas experiências e vivências nestas instituições.

O quarto artigo, *Cantos de boas-vindas: música, infância e migração*, de Cecília Marcon Pinheiro e Machado Viviane Beineke, apresenta uma experiência de educação musical como propulsora de diálogos interculturais entre crianças de diferentes origens e etnias, migrantes e refugiadas. Relata e analisa os processos criativos das crianças a partir de suas origens e de perguntas mobilizadoras do imaginário infantil, evidenciando também os conflitos e as tensões produzidas no encontro com as diferenças.

O quinto e último artigo deste eixo, *Educar pelos pés: entre infância, universo e uma formação docente possível*, de Loiane Cristian de Sousa e Diego de Matos Gondim, na interlocução com intelectuais indígenas, sublinha singularidades das infâncias a partir das intensidades do presente, produzindo uma corporeidade outra, que se dá a partir e com a terra, como uma forma de inventar uma perspectiva de desigienização da educação e, concomitantemente, de seus processos formativos. Neste caminho, assume a infância como uma pista epistemológica, pedagógica e metodológica para a formação de professores.

O terceiro eixo discute **Infância, relações raciais e de gênero**. O conjunto de artigos deste eixo traz o desafio das relações étnico-raciais e de gênero na escola. Na compreensão da importância de problematizar os caminhos da desigualdade que,

muitas vezes, atravessam a relação com a diferença, os artigos problematizam experiências e oferecem caminhos na construção de uma educação democrática.

O primeiro artigo, *Entre gestos e vozes, o que as crianças dizem sobre raça*, de Amanda Izaias da Silva, discute questões raciais na escola, com crianças pequenas na educação infantil, a partir de duas cenas do cotidiano. As indagações e expressões das crianças no contato com a professora/estagiária negra mobilizam reflexões sobre dimensões poéticas e preconceituosas dessa relação.

O segundo artigo, *Violência racial em Ghost Boys e desafios da educação antirracista*, de Camila Alves Geniane Diamante Ferreira Ferreira, a partir da discussão de um romance que apresenta o assassinato de um menino negro pela polícia, discute como a nossa percepção é controlada pelos discursos dominantes, reforçando a perpetuação de preconceitos e estereótipos, especialmente em casos envolvendo minorias raciais. Ao mesmo tempo, tematiza a literatura como parte do processo pedagógico, abrindo caminho por meio da sensibilização, no sentido de romper estereótipos e contribuir para a formação de sujeitos capazes de desafiar os discursos hegemônicos.

Enfim, o terceiro artigo deste eixo, *“Eles trazem de casa?” – desafios para desconstruir estereótipos de gênero*, de Noemi Aparecida Fernandes, tematiza questões de gênero, a partir da relação entre instituição de educação infantil e as famílias, com vistas a uma educação democrática, que respeite as diferenças. Discute como a socialização de gênero das crianças acontece em diferentes espaços que ocupam. Entre a casa e a escola, meninas e meninos vão reconhecendo as diferenças, construindo suas identidades.

O quarto e último eixo proposto no dossiê é o que discute **História, direitos das crianças, políticas e práticas educacionais**. Os artigos aqui expostos mobilizam várias temáticas que focalizam a autoria infantil, o compromisso das políticas e práticas educacionais com a cultura de origem e a expansão cultural das crianças, formação de professoras como prática cultural, a inclusão, o cuidado e os direitos das crianças à proteção e à participação social.

O primeiro artigo deste eixo, *Escutar, valorizar e transformar: a autoria infantil em contextos pedagógicos*, de Dhemy de Brito, no contexto de uma etnografia com crianças na escola, objetiva compreender como educadores da infância, atuantes no norte de Portugal, concebem a autoria das crianças nos jardins de infância. A perspectiva é ressignificar práticas pedagógicas, orientando-as para uma educação que,

de fato, reconheça as crianças como sujeitos de direitos, com autonomia e capacidade de construir conhecimento.

O segundo artigo, *Tecnologias digitais e inteligência artificial na infância: desafios da mídia educação e outras referências*, de Mônica Fantin, problematiza a importância de uma ética de responsabilidade que acompanhe a ampla relação das crianças com a tecnologia na atualidade, em ambientes atravessados pela inteligência artificial, o que envolve a regulamentação das redes e mediações educativas, no caminho de uma educação para a cidadania digital.

O terceiro artigo, *Literatura indígena na formação de professoras e professores das infâncias*, de Sônia Maria Travassos Liana Garcia Castro Carina Oliveira Silva Pataxó, propõe a literatura indígena na formação de professores, considerando que a prática de leitura de literatura indígena leva a rever práticas pedagógicas e contribui na experiência reflexiva, estética e cultural das professoras.

O quarto artigo, *Infância, sofrimento psíquico e a promoção do cuidado na escola*, de Thalita Amaral Mattiuzzi e Beatriz Corsino Pérez, discute uma experiência de escuta sensível das crianças na perspectiva da atuação da psicologia na escola, ressaltando a importância de práticas de cuidado e acolhimento da diversidade e do sofrimento psíquico das crianças. Destaca as violências cotidianas às quais as crianças estão submetidas e problematiza como a psicopatologização da vida simplifica a dimensão social do sofrimento psíquico.

O quinto artigo, *Ritmo e educação: para as crianças que expressam descaminhos*, de Nathali Arruda Thiago Colmenero Cunha, opõe o ritmo neoliberal ao ritmo das crianças, refletindo sobre como a escola se coloca neste entremeio e colocando em situação crítica os projetos atuais de medicalização das crianças.

Por fim, o último artigo deste eixo, *Infância e trabalho: a casa do pequeno jornaleiro*, de Livia de Fátima Conceição, discute as políticas assistenciais voltadas à infância no Rio de Janeiro, na era Vargas, na primeira metade do século XX, especialmente a Casa do Pequeno Jornaleiro, que materializa o movimento disciplinador e profissionalizante na relação com as crianças em situação de vulnerabilidade que se institui naquele contexto.

Ao findar essa apresentação, reiterarmos a alegria e o compromisso com a difusão do conhecimento que integra a perspectiva da infância e da educação como direito e possibilidade de resistência e anúncio de novas realidades presentes e futuras.

Referências

- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC.
- Bispo, A. N. (2023). *Colonização, quilombos: Modos e significações* (2a ed.). Rio de Janeiro: Mórula.
- Collins, P. H. (2000). *Black feminist thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. New York: Routledge.
- Crenshaw, K. (1989). Demarginalizing the Intersection of Race and Sex. *Legal Forum*, 1989(1), 139-167.
- Hooks, B. (2013) *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Kramer, S. (1999). Infância e educação: O necessário caminho de trabalhar contra a barbárie. In S. Kramer, M. I. Leite, M. F. Nunes, & D. Guimarães (Orgs.), *Infância e educação infantil*. Campinas, São Paulo: Papirus.
- Qvortrup, J. (2010). *Childhood matters: Social theory, practice and politics*. Aldershot: Avebury,
- Sarmiento, M. J. (2005). Gerações a alteridade. Interrogações a partir da Sociologia da Infância. In: *Educação e Sociedade – Revista de Ciência da Educação*, vol. 26, n. 91. Mai-ago/2005, p.361-378. Campinas.

Sobre as autoras

Daniela de Oliveira Guimarães

Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduada em Psicologia pela UFRJ, mestre e doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Coordena o Grupo de Pesquisa CUIDA (Cuidado Infâncias Docência e Afeto na educação de bebês e crianças pequenas), realizando pós-doutoramento em Educação na UFPR.

E-mail: danguimaraesufrj@gmail.com

Deise Arenhart

Professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde atua no curso de Pedagogia com disciplinas voltadas ao campo da Educação Infantil. Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Coordena o projeto de Iniciação a Docência - Pibid/ Pedagogia/ UFRJ e integra o Laboratório de Estudos de Linguagem, Leitura, Escrita e Educação - Leduc.

E-mail: deise.arenhart@gmail.com

Stela Guedes Caputo

Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Graduada em Jornalismo pela Universidade Estácio de Sá, mestre e doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Coordena o Grupo de Pesquisa Kékeré. Procientista/ UERJ. Bolsista CNPQ (PDS), realizando pós-doutoramento em Educação na FEUSP

E-mail: stelauerj@gmail.com